

APRESENTAÇÃO

Em 2018, passados 50 anos, “Maio de 68” é novamente retomado como um marco de memória histórico-política do Ocidente contemporâneo. Em Paris, estudantes ocuparam as Universidades de Nanterre e de Sorbonne, uma greve geral envolvendo milhões de trabalhadores foi acionada, o aparato governamental – e, implicitamente, uma determinada concepção de ordem social, hegemônica nos países liberais da Europa pós II Guerra Mundial – defrontou-se com fortes contestações. Em desdobramento, eclodiram protestos na Europa (Itália, Alemanha..., a culminar na “Primavera de Praga”) e na América (nos Estados Unidos, contra a guerra do Vietnã e pelos direitos civis dos negros e outros segmentos sociais; no México, no Brasil e em outros países sob regimes ditatoriais). Também o catolicismo, em meados de 1968, desafiado pelas mudanças trazidas pelo Vaticano II e que logo ganhariam um rosto latino-americano em Medellín, provocou críticas e desapontamento devido às restrições morais contidas na Encíclica *Humanae Vitae*.

Uma Jornada acadêmica envolvendo três programas de pós-graduação em Minas Gerais (UFMG, UFOP e FAJE) procedeu à reflexão sobre as releituras deste evento na atualidade, a partir de quatro eixos temáticos – conhecimento histórico, política, imaginário e cristianismo –, associados às linhas de pesquisa dos professores-pesquisadores que coordenaram o encontro. Foram assim promovidas distintas atividades (um *workshop* introdutório, duas mesas temáticas, quatro sessões de comunicações) que entrecruzaram diferentes abordagens, formuladas por filósofos, historiadores, cientistas políticos, sociólogos e teólogos.

Tal interdisciplinaridade, em incitante diálogo teórico-conceitual, favoreceu a análise de Maio de 68 a partir de questões controversas, referentes à corporeidade, à relação entre os gêneros, ao exercício do poder entre sujeitos, grupos e instituições, aos sentidos da fé em sua prática cotidiana. Em desdobramento, foi possível interpretar “Maio de 68” como um movimento paradoxal, onde a evocação ao público (no sentido de direitos comuns, ou mesmo de cidadania) se viu acompanhada pela afirmação das individualidades, a culminar na ótica multicultural. Daí também a postulação de que Maio de 68 consista em uma incitação intelectual à apreensão de experiências e perspectivas de poder norteadas não pela conquista de alocações institucionais, mas pela promoção de redes comunitárias, que nesses tempos de linguagem digital, possibilitem a valoração das intersubjetividades fraternas cotidianas.

Os organizadores